

Missa como hipergênero textual

MARIA CECÍLIA OLIVEIRA

Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: ceciliamaria976@gmail.com

GEOVANE FERNANDES CAIXETA

Doutor em Estudos Linguísticos e Docente do Curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: geovane@unipam.edu.br



Resumo: A missa, ou Celebração Eucarística, é um evento típico de interação face a face e envolve vários gêneros. O conjunto de gêneros ritualizados na missa forma um macroenunciado ordenado e articulado. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo identificar as restrições (condições) que permitem afirmar que a missa é um hipergênero textual. Para esse propósito, apoia-se teoricamente em Cechinato (2002), Cuttaz (1961), Rouet (1981), Bakhtin (2010 [1952-3]), Bazerman (2009), Bonini (2004; 2011), Dionísio (2008), Maingueneau (2008; 2006; 2004), Marcuschi (2008; 2005), entre outros. O hipergênero textual missa requer dos participantes obediência a regras sociais e religiosas. Esse hipergênero impõe aos participantes, fiéis e sacerdote, um padrão de comportamento que colabora para o reconhecimento de que a missa é uma atividade social e religiosa historicamente construída. Reconhecer a missa como um hipergênero textual é reconhecer nela uma multimodalidade constitutiva que deve ser compreendida como uma ocorrência semiótica.

Palavras-chave: Missa. Hipergênero. Multimodalidade. Semiótica.

Abstract: The Mass, or Eucharistic Celebration, is a typical face-to-face interaction event which includes several genres. The set of ritualized genres in Mass configurate an ordered and articulated macro enunciation. In this sense, this article aims to identify the conditions that classify the Mass as a hyper-genre. For this purpose, it is theoretically based on Cechinato (2002), Cuttaz (1961), Rouet (1981), Bakhtin (2010 [1952-3]), Bazerman (2009), Bonini, Maingueneau (2008, 2006, 2004), Marcuschi (2008, 2005), among others. The hyper-genre Mass requires participants to obey social and religious rules. It imposes on its participants, believers and priest, a standard of behaviour that contributes to recognizing the Mass as a historically constructed social and religious activity. To recognize the Mass as hyper-genre means considering it as a constitutive multimodality that must be understood as a semiotic occurrence.

Keywords: Mass. Hyper-genre. Multimodality. Semiotics.

1 Considerações iniciais

Há uma abundante literatura acerca da história da missa e do modo como ela foi se alterando no tempo. Entre 1962 a 1965, foram realizadas várias conferências na Igreja Católica, as quais culminaram no Concílio do Vaticano II. Um dos temas discutidos foi a reforma de toda a Liturgia do Rito Romano. Em

conformidade com esse Concílio, os ritos deveriam adaptar-se às exigências de cada tempo, a fim de que os mistérios celebrados fossem mais facilmente compreendidos e vividos pela Igreja. Diante disso, o Missal Romano, conjunto de instruções que devem ser obedecidas para a celebração da Santa Missa, sofre alterações, as quais foram sendo apresentadas aos padres e aos bispos nas várias edições desse Missal.

Constam do Missal Romano instruções acerca da estrutura geral da missa e de suas respectivas partes. No Missal, pode-se perceber, com clareza, o modo de organização de uma missa: *Ritos Iniciais, Rito da Palavra, Rito Sacramental e Ritos Finais*. Em cada uma dessas partes, estão presentes orações, cantos, monições e atitudes diversas dos celebrantes e dos participantes da celebração. Em função dessa configuração, podem-se apresentar estas afirmações: a) a missa é um gênero textual com conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, em conformidade com as ideias de Bakhtin (2010); b) a missa é um gênero textual com funções sociocomunicativas facilmente identificadas, as quais são, ideológica e discursivamente, ações tipificadoras dos sujeitos envolvidos, em conformidade com as ideias de Bazerman (2009).

A aceitação apressada dessas duas afirmações pode fazer com que se deixe de dar relevância a uma característica peculiar desse evento chamado missa: nela estão embutidos vários gêneros, os quais revelam outra idiossincrasia da Celebração Eucarística: seu caráter multimodal, multitextual, portanto semiótico. Em virtude dessa idiossincrasia e da percepção de que ela é uma unidade discursiva (apenas um evento), este texto apresenta o seguinte questionamento, para o qual se busca(m) resposta(s): quais as restrições (ou condições) para que se considere a missa um hipergênero textual? O objetivo geral da pesquisa é identificar as restrições (condições) que permitem afirmar que a missa é um hipergênero textual.

Há uma carência de estudos em que se promovam discussões em favor dos recursos verbais e não verbais, discursivos e ideológicos, retóricos e textuais constitutivos de uma missa, caracterizando-a como um macroenunciado, ou seja, um hipergênero textual. Nesse sentido, é necessário um estudo cujo foco de interesse seja a identificação das restrições do hipergênero textual missa. A realização de um estudo nessa direção contribuiria não só para enriquecer os já empreendidos acerca da missa numa circunscrição religiosa, mas também para sustentar aqueles que porventura vislumbram a missa como uma prática sociocomunicativa multimodal, multitextual e hipergenérica.

Nesta pesquisa, recorreu-se à pesquisa bibliográfica. O rastreamento bibliográfico dividiu-se em dois grupos temáticos. O primeiro grupo focou a missa na e pela história; para tal foram selecionadas as seguintes fontes: Cechinato (2002), Cuttaz (1961), Rouet (1981), CELAM (2004), entre outros. O segundo grupo focou as noções de gêneros textuais, hipergêneros textuais e multimodalidade; os autores selecionados foram os seguintes: Bakhtin (2010 [1952-3]), Bazerman (2009), Bonini (2011; 2004), Dionísio (2008), Jewitt (2009), Maingueneau (2008; 2006; 2004), Marcuschi (2008; 2005), Miller (1994), Swales (1990) e Reboul (2004), entre outros. Após o fichamento dessas obras, foi feito um cruzamento das informações do primeiro grupo temático com as do segundo, a fim de identificar as restrições (condições) para que se possa considerar a missa como um hipergênero textual.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para que se compreenda a “missa” como um macroenunciado articulado e sistematizado. Em virtude disso, espera-se também que seja demonstrado que a Celebração Eucarística é uma construção histórica e cultural marcada por uma semioticidade diversa e praticamente estável.

2 Características do hipergênero textual

As contribuições de Bakhtin (2010) são imprescindíveis em quaisquer análises acerca de gêneros do discurso. A tripla dimensão constitutiva dos gêneros (o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional), apresentada por Bakhtin, permite que se percebam os gêneros não só no interior de suas condições de produção, mas também nos propósitos das diferentes esferas de atividades em que os homens se envolvem. Para esse estudioso, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem por meio de enunciado orais e escritos, concretos e únicos. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas também, acima de tudo, por sua construção composicional.

Embora não tenha a preocupação de propor classificações de gêneros textuais, Bazerman (2009) desenvolve a noção de sistema de gêneros. Por meio dessa noção, o teórico analisa os comportamentos dos indivíduos em contextos institucionais marcadamente regularizados. Essa noção possibilita a percepção do modo como os indivíduos produzem instâncias particulares (individuais) de significação e de valores no interior de campos discursivos tipificados, com o propósito de agirem dentro de sistemas complexos e articulados. Os estudos de Bazerman (2009) permitem que se diga que a socialização, própria do homem, que é predominantemente verbal, decorre da articulação de gêneros textuais nas e das mais diversas esferas institucionais. Isso significa ainda dizer que os seus estudos articulam a compreensão das interações verbais com a das relações entre sujeitos situados social e historicamente. Por fim, para Bazerman (2009), os gêneros textuais são ações tipificadoras da conduta dos sujeitos nas mais diversas instituições.

Em conformidade com Maingueneau (2006), o hipergênero textual é formado por outros gêneros textuais de forma agrupada e ordenada. De acordo com esse teórico, o hipergênero textual forma um todo discursivo-textual. Assim, um hipergênero textual, na sua composição e no seu funcionamento, é regulado por convenções retórico-textuais e retórico-discursivas estáveis. Para Bonini (2011), os gêneros são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado). Esse agrupamento seria o hipergênero textual.

Os mesmos critérios para delimitar um gênero textual (conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, conforme Bakhtin (2010)), podem contribuir para a delimitação de um hipergênero textual. No entanto, na delimitação de um hipergênero textual, deve-se considerar que determinados gêneros textuais se agrupam para formar um macroenunciado. Segundo Bonini (2011), as convenções retórico-textuais regulam a estruturação composicional do hipergênero textual, uma macroestrutura retórica potencial, que orienta a disposição e o encaixamento dos gêneros textuais, a partir de

certas unidades e movimentos retóricos prototípicos. Em geral, há uma cadeia de referenciação temática e genérica ligando as unidades básicas entre si, criando situações de hiperconexões.

O núcleo teórico deste trabalho se ocupa da conceituação de hipergênero partindo de Bakhtin (2010 [1952-53]), sendo assim possível estabelecer os critérios a serem levados em consideração para determinar o hipergênero como um enunciado, ou seja, como uma macrounidade discursivo-textual. Segundo Bonini (2011, p. 691), “o gênero, como uma unidade de interação linguageira, está imerso numa série de relações contextualizadoras que lhe são constitutivas”. “As práticas sociais de uma comunidade discursiva se realizam através de gêneros, hipergêneros, mídias, e sistemas de gêneros, embora esses últimos não necessariamente existam nos limites de uma comunidade.” (BONINI, 2011, p. 691-692).

Maingueneau (2006, p. 244) assim se expressa acerca do hipergênero:

Trata-se de categorizações como “diálogo”, “carta” “ensaio”, “diário” etc. que permitem “formatar” o texto. Não se trata, diferentemente do gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas de um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala. O diálogo, que no Ocidente tem estruturado uma multiplicidade de textos ao longo de uns 25000 anos, é um bom exemplo de hipergênero. Basta fazer que conversem ao menos dois locutores para se poder falar de “diálogo”.

Conceituado como um gênero maior, o hipergênero, de modo agrupado e ordenado, é formado por gêneros. É composto por um todo discursivo-textual. A composição e o funcionamento dessa macrounidade genérica são regulados por convenções retórico-textuais e retórico-discursivas estáveis. Contudo, convenções aplicadas ao gênero são relativamente estáveis, suficientemente para que o hipergênero se torne socialmente reconhecido como uma extensão textual unificada, e não um simples aglomerado de textos, mas um conjunto: “gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero” (BONINI, 2011, p. 691).

São as convenções retórico-textuais que regulam a estruturação composicional do hipergênero, uma macroestrutura retórica potencial, que orienta a disposição e encaixamento dos gêneros, a partir de certas unidades e movimentos retóricos prototípicos. As unidades retóricas mais típicas são aquelas recorrentes em quase todos os exemplares. Em geral, há uma cadeia de referenciação temática e genérica ligando as unidades básicas entre si. (BONINI, 2011).

3 O hipergênero textual missa

É consensual que o termo “hipergênero” designa um conjunto de gêneros típicos que se agrupam de modo ordenado e articulado. A missa é um evento típico de interação face a face e pode mostrar questões relacionadas à oralidade e à escrita envolvendo vários gêneros. Esse conjunto de gêneros forma um macroenunciado

orientando o seu funcionamento como um sistema de atividade social. Para regular as celebrações eucarísticas, ou missa, e expor as normas a que se deverá obedecer, a Igreja Católica orienta-se pelo *Missal romano*. Baseando-se nas orientações do *Missal romano*, propõe-se, num nível macroestrutural, esta configuração do hipergênero *missa*:

Quadro 1: Configuração do hipergênero textual missa

HIPERGÊNERO TEXTUAL MISSA	
<i>Nível global</i>	<i>Nível específico</i>
Ritos Iniciais	Comentário Introdutório à missa do dia Canto de Abertura Acolhida Antífona de Entrada Ato Penitencial Hino de Louvor Oração Coleta
Rito da Palavra	Primeira Leitura Salmo Responsorial Segunda Leitura Aclamação ao Evangelho Proclamação do Evangelho Homilia Profissão de Fé Oração da Comunidade
Rito Sacramental	Oferendas Canto/Procissão das Oferendas Orai Irmãos e Irmãs Oração sobre as Oferendas
	Oração da Eucarística Prefácio Consagração Louvor Final
	Comunhão Pai Nosso Abraço da Paz Cordeiro de Deus, Canto/Distribuição da Comunhão Interiorização Antífona da Comunhão Oração após a Comunhão
Ritos Finais	Mensagem Comunicados da Comunidade Canto de Ação de Graças Bênção Final

Essa proposta de configuração da missa mostra o conjunto de gêneros textuais que compõe o que se está chamando de hipergênero textual missa. No nível específico, estão apontados os gêneros que, juntos e/ou ordenados, sistematizam a Celebração Eucarística. São a acolhida, os cantos, as orações, a aclamação e a proclamação do evangelho, a homília, as mensagens, a bênção final, entre outros. Nessa perspectiva, essa configuração nos sinaliza que a missa é um hipergênero caracteristicamente multimodal. A missa, como hipergênero, caracteriza-se, em sua realização, por uma

semiotividade diversa, englobando linguagem verbal e não verbal. A multimodalidade é assim um atributo do hipergênero textual missa; portanto uma condição necessária.

O hipergênero textual missa requer dos participantes obediência a regras sociais e religiosas. Nesse sentido, impõe aos participantes um padrão de comportamento que colabora para o reconhecimento de que ela é uma atividade social e religiosa historicamente reconhecida como tal. Para o hipergênero textual missa concorre uma multiplicidade de recursos semióticos. Como exemplo dessa multiplicidade de recursos semióticos, têm-se os gestos e as posições do corpo. Os gestos e as posições do corpo, por serem definidos e configurados para que, simbolicamente, desempenham determinadas funções, são constitutivos de uma missa. Numa missa, o corpo tem expressão e significados já consagrados: por exemplo, os fieis e o sacerdote, ora permanecem de pé, ora permanecem sentados, ora ajoelham-se, ora ficam em silêncio. Tanto este como aqueles fazem encenações com os braços. São manifestações de linguagem específicas e próprias de uma missa. Essas manifestações estão em favor de uma multitextualidade constitutiva do hipergênero textual missa. São, enfim, restrições constitutivas da semiotividade da Celebração Eucarística.

Para Cechinato (2002, p. 17-18), “a expressão corporal também é colocada a serviço da glória de Deus. Mas a Igreja é moderada nessa questão de gestos, porque seria um desastre, no culto divino, a determinação de gestos que saíssem forçados. O gesto só tem sentido quando manifesta uma libertação interior.” Concorrem para a composição de uma missa os seguintes gestos: sentar-se, ficar de pé ou de joelhos, fazer a genuflexão, inclinar-se, participar de procissões, levantar ou juntar as mãos, prostrar-se, silenciar-se, entre outros. Todos esses gestos são carregados de significados simbólicos. Para a realização de uma missa, há outras manifestações dotadas de significados, como as vestes do sacerdote, o altar, os objetos. Toda essa gestualidade é necessária para que se criem uma ambiência específica para a realização do rito eucarístico.

A multitextualidade e a multimodalidade são assim um atributo do hipergênero textual missa. Mais que uma realização num ambiente físico, a missa constitui-se como tal na criação de uma ambiência carregada de semioses. A prática da celebração religiosa segue um “roteiro semiótico” que, ao longo de muitos anos, tem se consolidado como um agrupamento ordenado de um conjunto de gêneros típicos. Disso se pode afirmar que um hipergênero é relativamente estável e encontra-se aberto à incorporação de novos gêneros e à alteração dos padrões de organização. No entanto, em se tratando de domínios discursivos ideologicamente rígidos e dogmáticos, como o religioso, as incorporações são menos recorrentes. O Missal Romano é um instrumento para garantir a integridade da celebração eucarística. Desse modo, a (quase) instabilidade do hipergênero textual missa está ideologicamente assegurada. Isso significa dizer que a estrutura e os propósitos do hipergênero textual missa estão garantidos por um documento pouco flexível.

3 Considerações finais

A proposta de identificar as restrições para o hipergênero textual missa requer uma abordagem de sua multimodalidade constitutiva, uma vez que, nas celebrações

eucarísticas, há uma diversidade de ações delineadas por manifestações de linguagem verbal e não verbal. Segundo Jewitt (2009), a multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar que se concentra na análise e na descrição do repertório de recursos geradores de sentido usados pelas pessoas (recursos visuais, falados, gestuais, escritos, tridimensionais, entre outros) em diferentes contextos. A multimodalidade é assim um atributo do hipergênero textual missa, o qual, portanto, deve ser compreendido também como uma ocorrência semiótica. Como exemplo da multiplicidade de recursos semióticos numa missa, têm-se os gestos e as posições do corpo, os quais desempenham, simbolicamente, determinadas funções que colaboram na configuração e no funcionamento do hipergênero textual missa.

O caminho teórico para identificar as restrições para o hipergênero textual missa mostra que as ações dos fiéis são contornadas e controladas, o que está em conformidade com as ideias de Bakhtin acerca do fato de que os gêneros textuais são proferidos dentro de um campo social e com as ideias de Bazerman sobre a questão de que os gêneros textuais tipificam a conduta dos homens social e historicamente. Esse caminho teórico mostra também que, em muitas práticas sociais de uma comunidade discursiva, o hipergênero textual está presente, mas percebido como um enunciado único ou como uma macroestrutura (in)decomponível, o que corresponde às ideias de Maingueneau (2006) e às de Bonini (2011). Nesse sentido, no hipergênero textual missa, o sacrifício eucarístico é o fio que estabelece a conexão dos vários gêneros que o compõem.

Para um estudo mais exaustivo acerca do hipergênero textual missa, apresentam-se, como sugestão, estes temas: a relação dialógica entre sacerdote e público; a semiose advinda dos gestos e/ou das representações cênicas; o controle dos fiéis pela imposição arquitetônica do prédio ou pela imposição religiosa; as (re)ações dos fiéis em relação ao que não está previamente estipulado; a posição dos fiéis em relação a posição do sacerdote, entre outros. Num estudo mais exaustivo, é interessante uma análise, além dos elementos macrotextuais mostrados no Quadro 1, das encenações simbólicas, ou por parte do celebrador, ou por parte do público.

Espera-se que este estudo contribua para despertar novos olhares acerca dos estudos dos gêneros multitextuais e, de modo específico, do hipergênero textual missa.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 [1952-3].

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad.: Angela Dionísio Paiva; Judith Chambliss Hoffnagel (orgs.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BONINI. Metodologia para o estudo dos gêneros textuais: como estudar o encaixe dos gêneros no jornal? In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (org.). *Gêneros textuais e referência*. Fortaleza: Prottexto – UFC, 2004. (Edição em CD-ROM).

BONINI, Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista brasileira de Linguística Aplicada*, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011[2009].

CECHINATO, Luiz. *A missa parte por parte*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano). *Manual de liturgia 1: a celebração do Mistério Pascal: introdução à celebração litúrgica*. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal romano*. Roma, 2002. Disponível em: <http://www.liturgiacatolica.com/missal-romano.html>. Acesso em: 28 set. 2017.

CUTTAZ, F. *Nossa missa: poder e prática*. São Paulo: Edições Paulinas, 1961.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. ed. ver. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 119-132.

JEWITT, Carey. (ed.) *The routledge handbook of multimodal analysis*. New York: Routledge Press, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2004. p. 43-58.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros Textuais & Ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MILLER, Carolyn. Genre as social action. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter. *Genre and the new rethoric*. UK/USA: Taylor & Francis Publishers, 1994. p. 23-42.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUET, A. *A missa na história*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.